

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 05	p. 63-79	2002	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	----------	------	----------------

Criancices e socialidade de base

Maria Luíza Canavarros Palma¹³ (UFMT)

ABSTRACT: In this text we evoke the nursery rhymes and street games that brought the children together in the everyday life of Cuiabá 40 years ago. Apart from rebuilding and registering them with the help of the memory, especially of the women of Cuiabá that used to sing and play during that time, we also discussed the role of playing games in the engendering of the sociability. We also point out the factor that, by changing the scenery of the city of Cuiabá and the state of Mato Grosso, are responsible for the silencing and almost extinction of the oral culture.

KEY WORDS: cuiabana oral culture, nursery rhymes, street games, sociability

1. Introdução

Apoiados, teoricamente, em Michel Maffesoli¹⁴, discutimos aqui Cantigas de Roda e Brincadeiras de Rua Cuiabanas. Por serem representativas do cotidiano e da infância, tornam-se elas importantes para uma análise do processo de formação da socialidade de base. Procuraremos adotar uma linguagem também do cotidiano, na busca de uma razoável coerência com a proposta deste estudo.

Quando falamos sobre Cantigas de Roda e Brincadeiras de Rua e as designamos Cuiabanas, temos de fazer um parêntese. Por quê? Porque todas elas são de domínio público e pertencentes,

¹³ Maria Luíza Canavarros Palma – professora aposentada da UFMT, com Doutorado em Lingüística, pela PUC/Rio.

¹⁴ MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*, tradução de Márcia C. de Sá Cavalcante. – Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

às vezes, a todo o país. Dizer cuiabanas significa que serão consideradas as que já pertenceram ao cotidiano do cuiabano e que se perderam ao longo dos últimos quarenta anos.

Vamos a um exemplo. Se cantarmos *Eu fui a Itororó/beber água e não achei...*; *Se esta rua/se esta rua fosse minha...*; *Ciranda/Cirandinha/vamos todos cirandar...*, podemos ter sim o acompanhamento de raras crianças e possivelmente de adultos, vivendo em Mato Grosso ou em diferentes regiões do país. Mas o mesmo não ocorrerá se cantarmos outras Cantigas e Brincadeiras; ficaremos falando ou cantando sozinhos.

São as primeiras, aquelas poucas Cantigas que percorrem o país, sob a forma, hoje, de registro escrito (em livros didáticos) ou sob a forma de fitas ou CDs. Embora não mais desenvolvam o papel que a elas cabia num passado não muito longínquo, podem ainda estar presentes. De outra forma.

Estamos relatando aqui algumas das etapas desta pesquisa, como a de recompor Cantigas e Brincadeiras desaparecidas do cotidiano de crianças cuiabanas, em idade escolar, e registrá-las. E para saber disso tudo, precisamos entrevistar adultos, com predomínio do sexo feminino, acima de 40 anos, e acessar as suas memórias, para recompor as letras, a organização dos espaços, a musicalidade, que eram próprias àquelas Cantigas e Brincadeiras.

Se são raros os registros em livros didáticos ou fitas/CDs de Cantigas de Roda, talvez mais raros sejam os registros de Brincadeiras de Rua. Um exemplo dessa raridade conseguimos encontrar em livros didáticos: *Escravos de Jó/jogavam caxangá...* ou *Corre cutia/de noite e de dia...*

Para que o leitor já possa ter uma visão desta pesquisa, citamos alguns exemplos de Cantigas e Brincadeiras de Rua que ainda não conseguimos encontrar. Em lugar algum, a não ser na memória de adultos que há mais de quarenta anos foram crianças cuiabanas ou mato-grossenses, há registro de *Olhe a Leda na cozinha/abraçada com o fogão...*; *A Zaidinha é pedra/é pedra de amolar...*; *Zabelinha come pão/come pão/come pão/deixa resto no fogão...*; *Regina quando tu fores/escrevas pelo caminho...*, *Constança, bela Constança...* ou ainda as Brincadeiras de Rua *Bom-dia Vossa Senhora/manda tiro/tiro/liro...*; *Onde mora*

Senhora Condessa/língua de trapo/nariz de lanceta...; Fui passear no Jardim Celeste/geronflê/geronflá....

Muitas destas Cantigas de Roda e Brincadeiras de Rua, acreditamos, não foram registradas, o que nos autorizaria a dizer que se perderam ou até mesmo que foram banidas.

2. Contribuição de fatores

Vários fatores impulsionaram esta perda. Uma ligeira referência ao contexto mato-grossense dos últimos quarenta anos nos oferece dados para se considerar perda o desaparecimento de Cantigas e Brincadeiras mais presentes no dia-a-dia de crianças cuiabanas.

Alguns dados históricos podem esclarecer-nos a respeito da alteração do contexto mato-grossense, onde se situa Cuiabá. A transferência da Sede do Governo Federal para a Região Centro-Oeste, com a fundação de Brasília, em 1960, é um marco. As atenções do Governo Federal passaram a se voltar para esta região. Em 1967, como consequência desse olhar para a Região Centro-Oeste, foi implantado o Sistema de Telecomunicações, oferecendo novos modelos de comportamento social, político, econômico e cultural. A TV se instalou nas nossas salas; ninguém mais se dispôs a sentar-se às portas das ruas, a conversar sobre o dia-a-dia deles mesmos. Muito menos as crianças. Não mais queriam elas montar peças de teatro, repetir, improvisar ou complementar as brincadeiras e cantigas de roda; não mais precisavam distribuir os papéis sociais dentro daquelas organizações. Nada que fosse fora da tela ocuparia espaço em suas novas vidas, já que uma série de informações estavam ali, prontas, pré-fabricadas, usando linguagem nova e elaborada a gosto dos telespectadores, à disposição deles, sem precisar se moverem das cadeiras ou sofás.

Acredito que dois fatores foram, então, preponderantes para esta referida perda: a influência dos meios televisivos e a violência nas ruas de uma capital que começava a ficar descortinada.

As portas das casas cuiabanas, a partir da década de 70, foram-se cerrando, os “trincos e ferrolhos” sendo reforçados para o uso noturno e diurno. Em consequência, as crianças foram, até o final dessa década, definitivamente retiradas das praças públicas, das ruas (outras crianças é que foram ali se instalando). Foram elas afastando-se das brincadeiras de cabra-cega, dos coretos do jardim e, conseqüentemente, “tirim/fechou balaio”.

Um outro dado contribuiu também para esse toque de retirada das crianças. Em 1970, a população de Mato Grosso era, aproximadamente, de 599.000 habitantes; em 1991 o Censo divulgou o número de 2.222.307 habitantes. Até o final de 1960, o Estado era constituído por 37 Municípios; em 1993, a Coordenadoria de Informações, da Secretaria de Planejamento do Estado de Mato Grosso, registrou a existência de 117 Municípios, sendo que 80 deles foram criados a partir de 1970. O Norte e Sudoeste de MT crescem em população e em poder sóciopolítico e econômico. Sulistas formam a maioria dos colonizadores. Se observarmos a organização socioeconômica do Norte de MT, de cidades como Sorriso, por exemplo, constataremos profundas diferenças em relação ao modo de vida do homem mato-grossense, no seu cotidiano.

Quando nomeamos a influência da TV e a Violência como os dois determinantes, pode esta atitude ser interpretada pelos leitores como saudosista, onde se estaria “chorando pelo leite derramado”. Não. A influência da TV para este desaparecimento foi realmente nefasta. Mas foi inevitável também. Entretanto, há outras influências interessantes trazidas pela TV, não podemos nos esquecer. Não podemos parar o tempo. Ele é dinâmico, repetitivo e criativo. Nada retorna de maneira igual. Refrear a influência dos meios de comunicação é uma atitude não só vã, mas impossível.

Também a respeito da violência, como um fator que contribuiu para o desaparecimento das relações sociais em discussão, nós a vemos como um efeito do processo migratório intenso e desordenado em Mato Grosso, particularmente na Capital. As Cantigas e Brincadeiras foram banidas, sim. Entretanto, a violência deve ser vista como um sintoma, passível

de análise; após o diagnóstico, deve ser medicada. Cuiabá, como outras capitais, não foi programada para o crescimento intenso e brusco de sua população. Quando há um crescimento demográfico desordenado, a cidade incha. Foi o que aconteceu a partir da década de 70, aproximadamente. Tal sintoma deve ser lido como um grito, indicador de propostas de transformações ou de mudanças nas formas de relacionamento social, político e econômico.

O desaparecimento das relações sociais, oriundas da participação nas Cantigas e Brincadeiras, deve ser interpretado como consequência de tudo isso. E mais. Aponta para a necessidade de as autoridades governamentais adotarem atitudes responsáveis na solução de tais problemas, enfrentados pelas outras novas crianças que ali se instalaram, não para brincar, mas para sobreviver.

É preciso deixar explícito que muitos outros fatores podem ter exercido influências nesse processo de perda. Sob a ótica de diferentes áreas, como a econômica, política, da comunicação, outros diferentes fatores seriam acrescentados a estes, com certeza. Entretanto, consideramos os citados não só relevantes, mas perceptíveis.

3. Importância das cantigas e brincadeiras

Queremos discutir, neste artigo, a importância das Cantigas e Brincadeiras que já fizeram parte do cotidiano cuiabano. E a importância começa exatamente por aqui, pelo cotidiano. Pois é neste que a sociabilidade se desenvolve. Se buscarmos, num dicionário, o significado da palavra sociabilidade, encontraremos como “tendência para a vida em sociedade”, equivalente à socialidade. Toda a importância das Cantigas e Brincadeiras se apóia aqui, por estas oferecerem espaços para a referida tendência se desenvolver. Tendência esta que viria, possivelmente, a se tornar esteio para que a astúcia brotasse nas crianças e as fizesse driblar possíveis coerções sociais, posicionamentos totalitários de dirigentes políticos ou até mesmo de familiares, ao longo do seu viver.

Procuraremos explicar o desenvolvimento da socialidade de base por meio de dois exemplos. A primeira Cantiga abaixo, a ser exemplificada, se organiza com todas as crianças participantes em roda, de mãos dadas, cantando *São Zeferino/pela boa/boa vida...* e mais uma vez repetem este trecho. A seguir, uma das crianças entra na roda e encena, com os gestos que explicam o que quer dizer *Assim/assim/assim//assim que lava roupa...* e mais uma vez repete este trecho. Volta esta a participar da roda e todos juntos de novo retornam ao trecho inicial *São Zeferino/pela boa/boa vida...*, repetindo mais uma vez. Chega a vez de uma outra criança ocupar o centro das atenções dentro da roda. Como a anterior, em parte repete, em parte cria o trecho que canta *Assim/assim/assim//assim que toca piano...* e repete este mesmo trecho. E toda a Cantiga de Roda se desenrola com esses pequenos dizeres, pelo tempo que o grupo quiser, com a participação de todos.

A organização da brincadeira permite a alternância ou troca dos papéis entre cada uma das referidas crianças, que cede lugar às outras. Todos os participantes têm a vez de estarem em evidência, dentro da roda. A alteridade, aqui, é fundamental, sem a qual o jogo não existiria. Não há individualismo, há sim momentos em que cada uma se posiciona individualmente, sendo o grupo sempre o espaço de partida e de chegada. Há, portanto, momento em que todo o grupo repete *São Zeferino...*, mas há também momento em que cada um cria, usando o seu humor *Assim/assim/assim//assim que guri mija...*, repetindo. E a risada coletiva explode, natural e companheira; o senso de humor toma conta e o lúdico se instala.

Ninguém se interessa em saber quem é *São Zeferino* e nem que boa vida era aquela que diziam levar... O que importava mesmo era o tempo do prazer repartido, do prazer companheiro, do respeito pelo papel desempenhado pelo outro, da interdependência dos membros daquela roda que, conforme Maffesoli, mesmo no meio de conflitos reina uma harmonia conflituosa... As coisas ali eram sempre retomadas, criadas e permitidas; o espaço para o lúdico é que sobressai, só isto passa a ter importância.

A relevância do lúdico sobre o significado das letras das Cantigas ou Brincadeiras é um componente importante. Em Cuiabá (mas não cuiabana), há a Cantiga *Abóbora ou melão/ou melão/ou melancia//bajão Sinhá/bajão Sinhá/bajão Sinhá bem doce...* Existe uma variante para esta Cantiga, já gravada em CD e escrita no encarte do mesmo, assim: *De abóbora faz melão/de melão faz melancia//faz doce Sinhá/faz doce Sinhá/faz doce todo dia...* A variação que primeiro observamos é entre a conjunção alternativa **ou** e o verbo **fazer**. Se procurarmos analisar o sentido da expressão, questionaremos a variante *De abóbora **faz** melão*. O que quer dizer fazer melão de abóbora? Mas tal questionamento, para aquele tempo e para aquele espaço, não faz sentido. Só reforça este deslocamento do significado de muitas palavras ou expressões, que formam as Cantigas e Brincadeiras de Rua, para a seqüência de sons, para a sua musicalidade, para os gestos, que passam a ser constitutivos do desenrolar daquilo tudo, que passam a fazer sentido. Se fizermos uma associação com a proposta saussureana de signo lingüístico, poderemos afirmar que o significante passa a carregar o significado.

O que significa *bajão Sinhá/bajão Sinhá...*? O que quer dizer **bajão**? Não interessava. Nenhuma criança queria compreender o significado daquilo que falava ou cantava. Nada disto importava. O importante é cantar e representar. O lúdico é que sobressai e sobre ele recai a construção de todo o significado. Apenas o lúdico tece ali, naquele jogo, a teia da socialidade, base responsável pelas relações futuras, pelo próprio tecer da afetividade, da tendência para a vida agrupada.

4. Organização das brincadeiras

Exporemos, aqui, uma das Brincadeiras de Rua que caracterizam a infância de cuiabanos, naquele cotidiano, há mais de quarenta (40) anos. É ela organizada em duas fileiras de crianças, de mãos dadas, confrontando-se a uma distância de quatro (4) metros, aproximadamente. Sob a forma de diálogo sempre cantado, a fileira 1 dá início à encenação com apenas uma criança, representando o papel de emissário do rei. Dizia este

ator, a princípio solitário, aproximando-se da fileira 2, em frente, repleta de crianças: *Onde mora Senhora Condessa/língua de trapo/nariz de lanceta...* E recuava. Respondia-lhe, aproximando-se, a fileira 2: *Aqui moro/aqui estou/vem dizer o que quiser...;* recuava-se. E a brincadeira ia-se desenrolando, alternando sempre o dizer cantado da fileira 1 com o da fileira 2: *Senhor rei mandou dizer/para mandar uma de vossas filhas/ para aprender a bordar...* A fileira 2 responde: *Minha filha não vai lá/nem por ouro/nem por prata/nem por sangue da barata...* Daí vem a resposta: *Tão alegre eu vim/para triste se voltar...* A fileira 2 retira a recusa e canta: *Volte/volte/cavaleiro/vem dizer o que quiser...* Os atores da fileira 2 cedem e o cavaleiro faz a escolha, de modo aleatório, de uma de suas filhas. Sempre cantando, agora quase que de modo soletrado, o cavaleiro vai apontando com o indicador, uma a uma, até que o final da canção recaia sobre uma delas. Assim: *Esta sim/ou esta não/esta me parece bem/esta cheira a alecrim/e a rosas também/palmatória do bom fim/para o mestre castigar/que do céu há de cair/uma agulha e um dedal.* A criança apontada passará a fazer parte da fileira 1, trocando, portanto, de papel, compondo com o cavaleiro, antes solitário.

E a brincadeira se repete, com todo este ritual. Cada criança vai sendo escolhida para fazer parte do outro lado, para desempenhar o outro papel. O interessante é analisar esta mudança de papéis sociais, esta alternância, realizada com entusiasmo e expectativa admiráveis. O respeito ao papel do outro, às vezes expresso de modo jocoso ou sob a forma de pilhéria, é uma das regras daquele jogo. Desta alternância de papéis nasce a complementaridade.

Não havia tempo preestabelecido para entrar ou sair da brincadeira; se uma mãe chamasse uma das crianças para dormir, ou a retirasse dali, as outras continuariam a desempenhar o papel, sem reclamação, sem cobranças. Isto significa que a brincadeira não dependia desta ou daquela criança, mas do grupo todo, organizado e reorganizado, com certos empurra-empurras, naquele instante e naquele lugar. E mais. Participavam daqueles espaços públicos, como as praças e as ruas, as filhas do patrão, da cozinheira, da lavadeira, do inquilino e do proprietário. Naqueles espaços cabiam todos, o que

disponibilizava a instauração do lúdico, que passa a tecer a socialidade.

E a criança vai, no seu dia-a-dia, aprendendo, de modo espontâneo e surpreendente, a representar os mais diferentes papéis. Vai aprendendo a trazer para aquele espaço e aquele instante as suas tensões, alegrias, tristezas, mágoas, dissabores, expectativas e criancices. Vai aprendendo a transformar tudo isto em brincar-por-brincar. E vai aprendendo a compreender o papel do outro nesse jogo, nessa troca. Cotidianamente, a socialidade vai-se desenvolvendo, vai-se enraizando, preparando-a para suportar, para driblar, para se proteger das coerções, do autoritarismo, para o fazer-de-conta. Com isso, aprendem as crianças o conhecido jogo de cintura. As brincadeiras se repetiam todas as noites, logo após o jantar; numa maioria das vezes em quadras próximas às casas da criançada. Aos domingos, dia extra, a praça pública ou jardim era o espaço eleito.

Mas aquela repetição nunca era vista como enfadonha, porque não era o significado das palavras repetidas que fazia sentido, que estabelecia a interação, mas a sonoridade, aquela espécie de balada, aquele fio condutor do lúdico, estes sim eram os responsáveis pela relação que se ia estabelecendo durante o desenrolar da brincadeira, naquele instante, com aqueles atores. E a socialidade era como uma teia que se ia tecendo por todas as crianças.

O entusiasmo e a alegria daquela criançada pôde ser percebida, mesmo quarenta, cinqüenta, sessenta, setenta e oitenta anos depois, quando da realização das entrevistas, com um diferenciado grupo de cuiabanos, que viveram a sua infância partilhando tais experiências. Verificamos, a princípio, que se assustavam quando o pedido era para que cantassem uma Cantiga de Roda ou Brincadeira de Rua, vividas na sua infância; que mostrassem a organização destas, que recompusessem suas letras, sua musicalidade, ou parte delas. Por que Cantigas ou Brincadeiras? Recompôr coisas tão simples, tão banais, tão corriqueiras, coisas de criança? Isso iria servir para quê? Perguntavam. A princípio parecia não se lembrarem de nada. Mas a seguir o riso explode, as cantigas vêm à tona, ou fragmentos delas, e começam a se organizar, a representar e cada uma delas

vai complementando parte da Cantiga já esquecida pela outra... E lágrimas também rolam. É como se aquela afetividade desenvolvida retornasse forte e inesperadamente, quem sabe, do seu estado de latência. E o contexto vai sendo montado, com letras, disposição dos atores, melodia, entusiasmo, espontaneidade... Quase tudo reapareceu. E as mais variadas Cantigas e Brincadeiras vão sendo registradas.

Queremos apresentar, ainda aqui, uma outra Brincadeira, cuja organização é igual à apresentada anteriormente, com algumas particularidades. Como “Bom-dia Vossa Senhora...” se organiza de modo igual à já exposta acima, marcaremos, apenas, com 1 e 2, os diálogos entre as duas fileiras, deixando para comentar o final dela, onde apresenta diferença em sua organização. Embora a letra e a melodia variem, a disposição, como dissemos, permanece a mesma. 1- *Bom-dia Vossa Senhora/manda tiro/tiro/liro//bom-dia Vossa Senhora/manda tiro/tiro/lá...* 2- *O que quer Vossa Senhora/manda tiro/tiro/liro//o que quer Vossa Senhora/manda tiro/tiro/lá...* 1- *Quero uma de vossas filhas/manda tiro/tiro/liro//quero uma de vossas filhas/manda tiro/tiro/lá...* 2- *Qual é que lhe agrada/manda tiro/tiro/liro//qual é que lhe agrada/manda tiro/tiro/lá...* 1- *Me agrada a Walda/manda tiro/tiro/liro//me agrada a Walda/manda tiro/tiro/lá...* 2- *Que ofício lhe dará/manda tiro/tiro/liro//que ofício lhe dará/manda tiro/tiro/lá...* 1- *O ofício de lavadeira/manda tiro/tiro/liro//o ofício de lavadeira/manda tiro/tiro/lá...* 2- *Esse ofício não me agrada/manda tiro/tiro/liro//esse ofício não me agrada/manda tiro/tiro/lá...* 1- *O ofício de enfermeira/manda tiro/tiro/liro//o ofício de enfermeira/manda tiro/tiro/lá...* 2- *Esse ofício me agrada/manda tiro/tiro/liro//esse ofício me agrada/manda tiro/tiro/lá...*

O representante da fileira 1 vai nomeando os mais diversos ofícios até que seja um deles aceito pela fileira 2, que responde com e pela Walda. Após a aceitação, o ritual prossegue. Todos dão as mãos, em roda, e cantam: *Vamos fazer a festa juntos/manda tiro/tiro/liro//vamos fazer a festa juntos/manda tiro/tiro/lá...* Só a partir desse acordo, após inúmeros desacordos, a escolhida passará a fazer parte do outro lado. E esta é a hora de a criança escolhida se posicionar, apoiada pela fileira toda, de

dizer **não** a inúmeros ofícios propostos para ela. Toda a brincadeira volta a se repetir e novas expectativas são criadas e novas crianças vão sendo escolhidas para exercerem os novos papéis.

Uma particularidade veio à tona nesta última Brincadeira. Termina ela como uma Cantiga de Roda. E você, leitor, deve estar-se interrogando: uma pode virar a outra? Pode haver diferença entre uma e outra? Então, qual é a diferença? E, se existe, é ela significativa? Sim. Uma pode transformar-se em outra, como acabamos de ver. Sim. Há diferença entre uma e outra, daí tratarmos de Brincadeiras e Cantigas. Como o nome já o diz, a Cantiga de Roda se organiza sempre em roda, embora possa se misturar com Brincadeira, a uma certa altura, e vice-versa. As Brincadeiras, como a de *Esconde-esconde...*, de *Minha direita está vazia...*, de *Mamãe quantos passos...*, de *Não-se-mexa-não-se-fale...*, de *Pegador...*, de *Cabra-cega...*, de *Testo/panela/bolor/fedor...*; de *Fui passear no Jardim Celeste/geronflê/geronflá//fui passear no Jardim Celeste/lá/dó/mi/encontrar...*, se organizam de diferentes formas. Crianças se escondendo separadamente, umas sentadas ao lado das outras, em duas fileiras, em fila, uma apontando para cada participante, de costas, uma correndo para pegar as outras etc. O que se mantém permanente entre as Cantigas e Brincadeiras é a possibilidade da troca de papéis, do levar em conta a presença do outro, mesmo com as desavenças próprias do cotidiano de crianças naquela idade. O que se mantém é a possibilidade do brincar-por-brincar, do brinquedo repartido, dividido, montado e desmontado. E é em ambiente assim que o lúdico se instala, fazendo brotar a socialidade.

Um outro aspecto do *Bom-dia Vossa Senhoria...* não pode ser esquecido aqui, reforçando este lúdico. É a cadeia melódica de *...manda tiro/tiro/liro//...manda tiro/tiro/lá...* Esta cantarola toda compõe o significado, tanto das Cantigas quanto das Brincadeiras. No último exemplo de Brincadeiras citado acima, “Fui passear no Jardim Celeste...”, encontramos esta marcante particularidade *...geronflê/geronflá...lá/dó/mi/encontrar...* Qual o significado disto? Ao pé da letra não o sabemos. Mas só haverá Cantigas e Brincadeiras, ou o lúdico só se instalará, por meio de

particularidades como esta. E podemos responder a vocês, quem sabe, que a diferença entre Cantigas de Roda e Brincadeiras de Rua está em nível da superficialidade. As duas desempenham papéis fundamentais para o divertimento partilhado, amigo, terreno fértil para o desenvolvimento do tecido da socialidade de base. O próprio papel da complementaridade já começa pelo entrelaçamento destas duas, em espaços livres. E este tecer é o mesmo proposto pelo poeta João Cabral de Melo Neto, em *Tecendo a Manhã*. Diz: *Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos...que com muitos outros galos se cruzem/os fios de sol de seus gritos de galo/para que a manhã, desde uma teia tênue/se vá tecendo, entre todos os galos//E se encorpando em tela, entre todos/se erguendo tenda, onde entrem todos/se entreendendo para todos/, no toldo/ (a manhã) que plana livre de armação//A manhã, toldo de um tecido tão aéreo/que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

5. Cantigas e brincadeiras em disponibilidade

Discutir Cantigas e Brincadeiras é diferente de levar a vocês, leitores, a magia delas, de levá-las quase ao vivo. De que forma isso se concretiza? Por meio da gravação de um CD, contendo-as. Só por este instrumento é possível colocar à disposição da comunidade um aspecto cultural desaparecido.

Até o presente momento temos tentado explicitar as etapas do processo de recomposição das Cantigas e Brincadeiras, caracterizadas cuiabanas. Mas falar **sobre** elas não parece nada com refazê-las, recompô-las. Somente recompondo-as e apresentando-as, é que a sua musicalidade, as vozes coletivas ou o coro infantil podem vir a acender o entusiasmo, a alegria, o mágico.

Como um dos objetivos desta pesquisa é colocar em disponibilidade um CD, estamos analisando alguns deles que se destinam a crianças. Em linhas gerais, tanto o primeiro deles, “Cantigas de Roda” (SP), quanto o segundo, “Estrelinhas” (RJ), estão interessantes. Encontramos em um e em outro, dentre todas as canções ali presentes, algumas poucas Cantigas que

pertenceram também ao cultural mato-grossense. Procuraremos selecionar, para o CD proposto no nosso trabalho, as que ainda não foram gravadas, nem registradas sob a forma escrita. Se algumas já foram colocadas à disposição do público infantil brasileiro, serão selecionadas outras que se encontram desaparecidas. Este está sendo o critério para elegermos as que irão compor o CD.

Sobre os dois CDs citados acima, podemos dizer que conseguem eles, sim, envolver o público infantil. E adulto. Apresentam recursos técnicos que ajudam a amenizar o desaparecimento do hábitat natural das Cantigas e Brincadeiras, ou seja, a rua e as praças públicas. Particularmente, o primeiro deles provoca, sim, um envolvimento interessante.

Já um outro CD destinado a crianças, “Nossas Músicas” (MT), concebido dentro de uma escola, traz, no mínimo, duas canções que se revelam contra-exemplos de tudo que estamos discutindo sobre a importância das Cantigas e Brincadeiras. A primeira delas, *Arrumação da Sala*, diz: *Amiguinhos/amiguinhas/vamos todos arrumar/como abelha na colméia/sempre, sempre a trabalhar//um lugar para cada coisa/cada coisa em seu lugar/os brinquedos bem guardados/e os panos bem dobrados//as bonecas na caminha/e os bichos no gramado/tudo limpo e arrumado/nossa sala vai ficar*. A segunda canção em nada difere da primeira. Ao contrário. Reforça a disciplina, a idéia de organização, de enquadramento da criança no modelo proposto. Chama-se *Guardar Brinquedos: Bonecas na cama/pauzinhos no cesto/assim nós guardamos/os nossos brinquedos//os panos vermelhos/azuis e amarelos/com cuidado dobramos/tralá lá lá lá//assim nossa sala/que linda está/aguardando as crianças/depois prá brincar*.

Se compreendemos lúdico como uma atividade aberta, como um jogo sem cartas marcadas, sem doutrinações nem direcionamentos, estas canções podem ser interpretadas como verdadeiras barreiras para se atingir o brincar-por-brincar, vedando, portanto, a instauração do lúdico, ambiente imprescindível ao desenvolvimento da socialidade. É normal que o leitor possa estar um tanto confuso, neste momento, com esta declaração, porque já afirmamos aqui que as crianças não se

interessam muito pelas palavras das Cantigas e Brincadeiras. Envolvem-se elas, muito mais, com o todo, com a musicalidade, com o som coletivo, com os empurra-empurras, com a algazarra ou bagunça mesmo ali formada. Se desprezassem o significado dessa doutrinação toda, ficariam então imunes à síndrome da disciplina. Mas há um ingrediente naquele CD que não permite este distanciamento. Qual? A melodia não-envolvente. A voz é única, sem recursos como os da percussão, da sobreposição de diferentes vozes, por exemplo, que permitissem fazer com que as crianças se livrassem daquela martelação e se envolvessem com o todo. Assim, letra, arranjos ou recursos técnicos são precários ali. As crianças ficam asfixiadas, sem chance de se libertarem; nem podem se mexer, porque já vem preestabelecido que há *um lugar para cada coisa/cada coisa em seu lugar*. Só se livrariam dessa disciplinarização se não tomassem conhecimento do que se passa ali, ao seu redor. Se, pela rebeldia, amassassem e rasgassem esses *panos bem dobrados*.

6. Outras possibilidades de leitura

Uma outra consideração, sobre este estudo, é a possibilidade que oferece de se lerem Cantigas e Brincadeiras de Rua sob múltiplas óticas. Por exemplo, é possível analisar ali o histórico delas, o tempo em que foram produzidas, a influência que receberam do contexto originário, o papel específico do ritual, a participação do masculino, a concepção da época no tocante ao papel da mulher, explicando esse *vossa senhoria*, esse *que ofício lhe dará*, esse *senhor rei mandou* etc. São todos indicadores de um tempo e de um espaço passíveis de uma instigante análise.

Também podemos estender esta pesquisa, recompondo Cantigas e Brincadeiras que fizeram parte de todo o Estado de Mato Grosso. Na verdade, já começamos a registrar parte disto. Obtivemos, de informante nascida em 1927, no município vizinho a Cuiabá, Chapada dos Guimarães, uma Cantiga até então desconhecida, que se inicia em Roda para, rapidamente, se transformar em Brincadeira: *Minha mãe mandou buscar/um colar prá nós usá (sic)/o colar era assinzinho, Tchá Mariquinha,/e o*

pescoço tamanho assim.... As crianças se apertavam todas ao cantarem esse assinzinho..., que significa bem pequeno, e se esticavam e se empurravam até o tombo, cantando *tamanho assim...*, que significa bem grandão. Vemos um interlocutor em potencial, Tchá Mariquinha, sempre presente. Também criavam elas formas substitutivas para colar (pescoço), tais como anel (dedo), pulseira (braço), cinto (cintura) e, muitas vezes, sob a forma de bagunça, calcinha e cueca (bunda) etc. Descreve a informante que as Cantigas e Brincadeiras eram em noites de luar, pela inexistência de energia elétrica na época. Não sabemos se esta Cantiga exposta é desconhecida dos informantes cuiabanos por pertencer a outra cidade ou por ter-se perdido devido ao tempo. Precisariamos entrevistar não só cuiabanos dessa mesma faixa etária, mas também informantes representativos de cidades como Santo Antônio do Leverger, Livramento, Poconé, Rosário Oeste, Cáceres, Diamantino, de início. Como podemos perceber, esta pesquisa pode estender-se. Para isto, pesquisadores e alunos teriam de participar, devido a sua amplitude.

Nosso objetivo, no momento, é outro, como já explicitamos. Recompilar Cantigas de Roda e Brincadeiras de Rua, só existentes ainda na memória de cuiabanos que viveram a sua infância há mais de quarenta anos, gravá-las em um CD e colocar à disposição das crianças. O que estas irão fazer com ele? Só elas saberão. Não podemos reconstituir contextos históricos. Seria falso. Não podemos forçar a organização desta ou daquela forma. Seria falso. Não podemos desejar que ruas e praças públicas retornem, porque é impossível. Podemos, no máximo, recompilar as Cantigas e Brincadeiras, gravá-las em um CD, usar o encarte, onde as letras estarão registradas, e descrever, ali também, este tipo de organização. Mas, com certeza, outras formas de organização virão e poderão, quem sabe, ser magníficas. Mas como o espaço da escola é que, possivelmente, abrigará isto tudo e muito bem sabemos o que se passa dentro de espaços nada livres de uma escola, paira uma certa apreensão. Mas vale a pena correr o risco, sim. A tradição oral é a primeira a desaparecer. Compreendemos a disponibilidade, ou o acesso ao CD, como o

meio mais viável de a criança tomar conhecimento, pelo menos, de um aspecto do cultural mato-grossense desaparecido.

Também queremos que os leitores fiquem cientes das dificuldades para a elaboração do referido CD. Dificuldades estas que se encontram em nível de recursos técnicos para a sua gravação. Já que o hábitat natural, onde nasceram as Cantigas e Brincadeiras, não mais existe, torna-se imprescindível que recursos múltiplos sejam utilizados nessa gravação. E não é fácil. Já mostramos o que ocorre com limitações provenientes de pequenas gravadoras. E é difícil ser grande mesmo, pois requer um investimento considerável. Então, será imprescindível a escolha de uma gravadora que apresente todas as características que o trabalho requer. Só desta maneira conseguiremos amenizar muitas das limitações e arriscamos trazer o mágico, próprio daquelas relações, para dentro do CD. Para isto, ainda precisamos de um patrocinador. Enquanto todas estas questões não estiverem solucionadas, com segurança, não será gravado o CD.

7. Nada é neutro

Mais uma observação queremos levar aos leitores. O papel de pesquisador se confunde, aqui, com o de informante, visto termos vivido uma infância com todas estas experiências. Isto ajuda-nos a desfazer aquela imagem tradicional e conservadora de que pesquisa científica deve ser neutra, deve sofrer uma assepsia. Tudo, na verdade, vem à superfície, quando mergulhamos e remexemos as profundezas. Alguns dos leitores poderão estar impacientes, querendo perguntar-nos se, com todas as experiências lúdicas e produtoras de socialidade, essas gerações “saíram melhores” que as que as seguiram. Confessamos-nos embaraçados frente a esta pergunta e não conseguimos dar uma resposta em termos de sim ou não. É difícil fazer esta avaliação. As mais diversas variáveis intervêm. Mas é possível afirmar que tivemos a oportunidade de desempenhar os nossos diferentes papéis sociais de maneira mais solidária, repudiando os conluios. Se executamos mesmo, não sabemos. Entretanto, temos de dizer que uma política mundial, eminentemente capitalista,

que privilegia a competição e pisoteia a cooperação entre as pessoas, pode, sim, desmoronar grande parte daquilo tão artesanalmente tecido. Mas se o que fica latente pode retornar...

8. Bibliografia

MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*, tradução de Márcia C. de Sá Cavalcante. – Rio de Janeiro: Rocco, 1984.